

Ponto de vista e engajamento: analisando a (re)construção dos sentidos em coluna jornalística

Point of view and engagement: analyzing the (re)construction of meanings in a journalistic column

João Paulo Lima CUNHA

Instituto Federal de Sergipe
Aracaju, Brasil
joao.cunha@ifs.edu.br

Kleiane Bezerra de SÁ

Instituto Federal do Ceará
Fortaleza, Brasil
kleiane.bezerra@ifce.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar como o mecanismo dialógico *ponto de vista* (Rabatel, 2016), acomodado aos pressupostos da Linguística Textual (LT), mantém relação com o subsistema de engajamento, categoria analítica de posicionamentos discursivos na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), e juntos atuam na análise da construção da coerência. Assim, esta pesquisa se ancora nas reflexões enunciativas e interacionais sobre a noção do ponto de vista (PDV) de Rabatel (2016), que destaca a importância da polifonia discursiva como uma ferramenta analítica para entender a complexidade dos textos e discursos, reconhecendo a presença de múltiplas vozes e considerando o contexto sociocultural em que elas estão inseridas. Ampara-se ainda na proposta do subsistema de engajamento que, por sua vez, descreve os posicionamentos dialógicos assumidos pelos escritores/falantes (Martin; White, 2005). Para tal fim, analisamos uma coluna jornalística de José Simão, publicada na Folha de S. Paulo. Os resultados indicam que a integração entre PDV e engajamento constitui um instrumento analítico eficaz para compreender os mecanismos pelos quais o colunista administra a crítica política. Vislumbramos que as reflexões suscitadas neste trabalho possam viabilizar a análise da gestão da polifonia e de sua influência na interpretação de textos, na medida em que passa a ser avaliada, tendo em vista não apenas a organização de ideias, mas, sobretudo, a partir da observação de como posicionamentos se delimitam por oposição a outros posicionamentos, convergindo ou divergindo (Cavalcante et al., 2022).

Palavras-chave: coerência; ponto de vista; engajamento; texto.

Abstract: This study aims to investigate how the dialogic mechanism of point of view (Rabatel, 2016), understood within the assumptions of Textual Linguistics (TL), relates to the engagement subsystem, an analytical category of discursive positioning in Systemic Functional Linguistics (SFL), and how both contribute to the analysis of coherence construction. The research is grounded in enunciative and interactional reflections on Rabatel's notion of point of view (PDV), which emphasizes discursive polyphony as an analytical tool for understanding the complexity of texts and discourses, recognizing the presence of multiple voices and the sociocultural context in which they are embedded. It also draws on the engagement subsystem, which describes the dialogic positions assumed by writers/speakers (Martin; White, 2005). To this end, we analyze a journalistic column by José Simão, published in Folha de S. Paulo. The results indicate that the integration between PDV and engagement constitutes an effective analytical instrument for understanding the mechanisms through which the columnist manages political critique. We expect that the reflections developed in this study may support analyses of polyphony management and its influence on text interpretation, considering not only the organization of ideas, but, above all, how discursive positions are delimited in opposition to one another, converging or diverging (Cavalcante et al., 2022).

Keywords: coherence; point of view; engagement; text.

1 INTRODUÇÃO

Os textos desempenham um papel crucial na forma como compreendemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Eles nos permitem organizar nossos pensamentos e conhecimentos, facilitando a comunicação, a produção, a preservação e a transmissão de informações (Koch, 2001). Mais do que isso, dizemos, hoje, em Linguística Textual (doravante LT), que certos aspectos da nossa realidade social só ganham significado quando são representados por meio de textos, o que implica uma dimensão argumentativa de todo e qualquer texto (Amossy, 2018), tornando-se assim socialmente relevantes.

Consoante Cavalcante et al. (2022, p. 8, grifos nossos), “a suposição de uma *unidade* de comunicação e de coerência em contexto cerca os limites do texto, ajudando a fixar suas categorias analíticas [...].” É a este raciocínio que estamos alinhados, na medida em que o texto é um evento demarcado como unidade de comunicação e de coerência em um contexto sócio-

histórico e situado, instaurado por ele dentro do que os interlocutores tomam como relevante para a negociação de sentidos.

Os estudos que se ocupam de analisar textos em suas relações contextuais estão em convergência com as necessidades de desenvolvimento da área da LT, especialmente no que tange à coerência. Alguns estudos proeminentes são os de Koch (2008), Marcuschi (2008), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Cavalcante *et al.* (2022), entre outros. Mais recentemente, Custódio Filho e Cavalcante (2023) destacaram a possibilidade de exploração da unidade de coerência, ao aliam o conceito de ponto de vista (doravante PDV) à finalidade de todo texto: argumentar. Interessa-nos investigar como o mecanismo dialógico PDV, acomodado aos pressupostos da LT, atua na análise da construção da coerência. Reforçamos a importância, em nível teórico e prático, de realizar análises com textos pertencentes a diversificados gêneros, para investigar a produtividade desta categoria transversal que é o PDV (Rabatel, 2005). No âmbito deste trabalho, utilizaremos, como exemplo para nossas reflexões, uma coluna jornalística de José Simões.

Justificando a versatilidade da categoria PDV, em termos pragmáticos, concordamos que o PDV é uma categoria ampla e pode se beneficiar da interface com outros parâmetros linguísticos. Por esse motivo, neste artigo, buscamos articulá-lo ao subsistema de engajamento, parte da rede semântico-discursiva interpessoal de AVALIATIVIDADE (Martin; White, 2005), ligada ao arcabouço Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014), para analisar a construção da coerência.

Tendo em mente que a coerência é entendida como a própria condição para que haja texto e comprehende, dentre inúmeros fatores, o gerenciamento de pontos de vista no texto, conforme buscamos demonstrar, organizamos este artigo, além desta introdução, em três seções¹. A primeira, *Interface entre PDV e coerência*, é destinada à discussão do conceito de PDV em sua relação com a construção de sentidos, em que abordá-lo-emos relacionado com intenções e efeitos em um texto de José

¹ Partimos do pressuposto de Sá (2018), para quem a coerência é tomada como a própria razão de ser de um texto e não como um fator de coerência (Beaugrande e Dressler, 1981). Assim, todos os demais princípios — coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade — são subservientes a ela e colaboram, portanto, para sua (re)construção.

Simão. Na segunda, intitulada *Subsistema de engajamento enquanto análise dos posicionamentos discursivos*, convocamos os postulados da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), enquanto um campo de estudo da Linguística Aplicada que concebe a linguagem como “um grande sistema composto de REDES DE SISTEMAS (SYSTEM NETWORKS²) e subsistemas [...]” (Pagano, 2020, p. 28).

A terceira seção é dedicada ao exame do PDV e do engajamento em uma coluna jornalística, enfatizando possíveis diálogos entre essas duas categorias. Nessa seção, iniciamos com os aspectos metodológicos e, em seguida, demonstramos como as aproximações entre o ponto de vista (Rabatel, 2016) e o subsistema de engajamento (Martin; White, 2005) permitem compreender, de modo mais preciso, a construção dos sentidos textuais em contexto. Para a realização deste estudo, tomamos como objeto de análise uma coluna jornalística de José Simão, publicada na *Folha de S. Paulo*.

A escolha desse gênero textual se deve à natureza do nosso instrumento de investigação, a observação analítica dos mecanismos dialógicos que emergem no texto, uma vez que buscamos compreender como se dá a construção dos referentes e dos sentidos a partir da articulação entre as duas categorias analíticas mencionadas. Assim, ao analisarmos o modo como o texto jornalístico organiza e gerencia diferentes vozes, observamos como a reconstrução dos referentes, no processo de leitura, mobiliza estratégias de coerência (Marcuschi, 2008) e revela os posicionamentos discursivos que orientam a interpretação do leitor.

Desse modo, evidenciamos que a articulação entre PDV e engajamento se constitui como elemento relevante para a análise da gestão da polifonia e da construção dos sentidos, uma vez que permite identificar os pontos de vista em circulação e compreender como o ponto de vista principal administra as demais perspectivas na dinâmica interpretativa. Finalizamos este trabalho com nossas *Considerações Finais e Referências*.

² Grafar em Versalete é um padrão da notação sistêmica.

2 INTERFACE ENTRE PONTO DE VISTA E COERÊNCIA

Nosso interesse em investigar como o PDV se situa na LT para influenciar a construção da coerência tem origem a partir da observação de que o PDV se apresenta como um fator relevante para a negociação de sentidos. Antes de defender esta tese, entretanto, é necessário que saibamos lidar com as nomenclaturas que a abordagem rabateliana do PDV adota.

O locutor (L) é a instância que *enuncia* um enunciado, enquanto o enunciador (E) *assume* o enunciado. Consoante Rabatel (2016, p. 82) “todo PDV é assumido, seja diretamente, por um locutor/enunciador primeiro, seja indiretamente, por um locutor enunciador/segundo (intratextual) seja, ainda, por um enunciador segundo não locutor”. O autor esclarece que quando o locutor é também o enunciador, a notação que deve identificá-lo é L1/ E1, letras iniciais maiúsculas e barra, indicando o sincretismo; quando o locutor utiliza retransmissores, os enunciadores que, às vezes, expressam-se como falantes incorporados, devem ser notados l1, l2, l3, etc.; e quando há enunciadores que podem se expressar sem ter um locutor correspondente, receberão a notação e1, e2, e3, etc. No exemplo a seguir, buscamos demonstrar o que temos refletido até aqui.

Figura 1: Print do Título e Subtítulo de coluna jornalística escrita por José Simão

José Simão
Jornalista, precursor do humor jornalístico.



Chegou o dia! Madonna bota fogo em Copacabana!

E eu vou pingar o meu colírio alucinógeno! Pra ver a Madonna!

[F DÉ UM CONTEÚDO](#) [SEGUIR](#)

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jose-simao/2024/05/chegou-o-dia-madonna-bota-fogo-em-copacabana.shtml>. Acesso em 07 mai. 2024. Publicado em 03 mai. 2024.

Na Figura 1, há sincretismo de L1/E1, que corresponde ao colunista José Simão, que utiliza seu espaço no jornal *Folha de S. Paulo* para produzir artigos nos quais emite opiniões e se responsabiliza por elas. No texto que segue o L1 opina sobre a expectativa e a agitação em torno do show da Madonna em Copacabana, destacando o exagero da mídia, a qual podemos identificar como instância I2. No trecho, “Companhia aérea aumenta em 436 os voos extras para o show da Madonna”, há configuração de I2/e2 quando L1 cede espaço para que outro locutor (trazido por ele e subordinado a ele) se apresente no texto, configurada pela mídia³.

Seguindo a explicação do funcionamento discursivo-interacional do PDV, Rabatel define que “se todo locutor é um enunciador, todo enunciador não é, necessariamente, locutor, o que leva a dizer que um locutor pode, em seu discurso, ecoar em vários centros de perspectiva modais” (Rabatel, 2016, p. 82). É justamente neste ponto que vislumbramos a relevância do que Custódio Filho e Cavalcante, (2023, p. 388) defendem: “o reconhecimento da ação textual de L1 é uma condição fundamental para a construção da coerência”.

Retomamos a tese de que o PDV se apresenta como um fator relevante para a negociação de sentidos, exatamente pelo modo como L1 orienta seu discurso e se coloca em relação aos PDV presentes — explícita ou implicitamente — para chegarmos a uma unidade de sentido. Isto posto, refletimos, a seguir, sobre como o PDV pode atuar na análise de textos.

2.1 O papel do ponto de vista na análise da construção de sentidos

Em fala proferida por ocasião da Webinar de lançamento do curso *Práticas pedagógicas com textos verbo-imagéticos em Língua Portuguesa*, Cavalcante (2024)⁴ defende ser fundamental que qualquer processo de interpretação inicie com elementos mais abrangentes, os quais devem estar conectados a um contexto coerente. A autora argumenta que

³ Indicamos a leitura de Custódio Filho e Cavalcante (2023), para detalhamento do caso de enunciador sem locutor.

⁴ A fala inicial do curso se deu em 12 de março de 2024, trata-se de uma parceria entre SEDUC/UECE/UFC, organizado por Suelene Oliveira (UECE). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHW-B7RzdIY>. Acesso em: 23 abr. 2024.

é essencial estabelecer uma hierarquia no trabalho do professor de Língua Portuguesa no que se refere à avaliação da construção de sentidos e propõe os seguintes passos: a) compreensão do gênero e dos objetivos do locutor principal; b) análise da sequência textual na qual o gênero está inserido; e c) análise da organização de tópicos.

Julgamos que tal percurso deve ser palmilhado para a análise da coerência, tendo em mente o caráter dialógico e interacional que o PDV implica. Conforme preconizam Cavalcante *et al.* (2022, p. 9, grifos nossos), “o acontecimento do texto comporta todo o contexto sócio-histórico que é por ele convocado, dentro do que os *participantes tomam como relevante* para a negociação de sentidos”. Fica claro, portanto, neste contexto, que o papel de L1 no processo de construção de sentido é determinante, em virtude de ser dele a perspectiva principal que será tomada como relevante.

Para Rabatel (2016), o PDV, constituído nas interações humanas e nas marcas que elas deixam nas estruturas que moldam nossa compreensão do mundo, traz consigo várias implicações para os textos. A linguagem, ao delinear e moldar o mundo, envolve escolhas de nomenclatura, qualificação e modalização, bem como escolhas de estruturação e planejamento que refletem pontos de vista sobre a realidade, conforme percebida em uma determinada sociedade ou cultura, por um agente específico, em um determinado contexto, em um gênero específico, com uma intenção específica, em relação a certas maneiras de perceber.

No que tange ao sujeito, evidentemente, a sua agentividade e sua intencionalidade não são soberanas. Para Cavalcante *et al.* (2022, p. 104) “o sujeito sofre coerções ideológicas e discursivas, por isso é impedido de ter um controle pleno sobre o seu dizer”. Para a LT, o sujeito é involuntariamente determinado pelo contexto sócio-histórico no qual está imerso, mas também é estratégica. Para imprimir seu PDV, dizemos que o sujeito possui uma *liberdade limitada* pelos movimentos descritos em (a), (b) e (c), indicados por Cavalcante (2024), o que, a nosso ver, influencia na análise da construção dos sentidos nos textos, uma vez que:

- a) *Compreensão do gênero e dos propósitos do emissor*: conforme os objetivos comunicativos, que englobam não apenas aqueles associados ao gênero em si, mas também os relacionados a

propósitos mais específicos em cada interação, o falante/escrevente escolhe, dentre diversas opções de estrutura textual, o gênero que considera mais apropriado para alcançar seus objetivos de influência sobre o interlocutor. Essa escolha não é feita de forma isolada, pois depende das projeções que o falante/escrevente faz do interlocutor e, possivelmente, de terceiros. Além disso, todas as decisões relativas ao gênero estão sujeitas às pressões sociais de cada situação de comunicação específica e, também, se adaptam aos tipos de argumentação presentes.

O texto selecionado para nossas reflexões pertence ao gênero coluna jornalística, definido como uma seção especializada de jornal ou revista publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum (Souza, 2005). Assim, José Simão é o L1/E, na medida em que se encontra como centro polifônico, administrando corretamente as fontes enunciativas e seus PDV relacionados. É papel de L1 selecionar, identificar e hierarquizar os enunciados, a partir de uma linha de argumento coerente à qual se possa objetar ou aderir.

- b) *Análise da sequência textual na qual o gênero está inserido:* conforme Adam (2019, p. 46), o texto é o resultado de uma sucessão de proposições constituintes, que ele denomina de sequências. Cavalcante et al. (2022), observam que, para compreender como as ideias se conectam dentro das sequências textuais, é necessário analisar os enunciados em suas diferentes dimensões: a dimensão enunciativa, o conteúdo referencial e a força ilocutória. Essas três dimensões influenciam e são influenciadas pela orientação argumentativa do discurso, que sempre se manifesta como texto. Dizemos que o PDV emerge dessas contingências.

A análise da dimensão enunciativa aborda a organização dos enunciados, destacando especialmente a relação de pessoa estabelecida na enunciação. Isso envolve investigar as relações entre o que é dito, para quem é dito e em que contexto, sempre considerando quem está enunciando como ponto central para a análise das outras dimensões. O conteúdo referencial, por sua vez, é aquilo que os interlocutores constroem durante o processo de elaboração dos objetos no texto e, portanto, não é previamente

determinado. A força ilocutória de um enunciado refere-se aos propósitos implícitos nas relações de comunicação, como identificar se um enunciado é um pedido, uma ordem, uma promessa, entre outros.

- c) *Análise da organização de tópicos*: o tópico discursivo emerge como um elemento fundamental na construção de significados, uma vez que suas propriedades contribuem para a organização hierárquica dos assuntos abordados. A centração é definida por Sá (2018, p. 72) como “o eixo central em torno do qual o texto se organiza”, enquanto a organicidade se refere às relações de dependência de superordenação e subordinação, relacionadas ao grau de abrangência do tema. Vários autores exploram o conceito de tópico discursivo nos estudos linguísticos, frequentemente associando-o ao assunto tratado, ou seja, ao tema que sintetiza um segmento do discurso. Reconhecendo que o processo de produção de significados resulta da atividade prática, perceptiva e cognitiva dos interlocutores, assim como da atividade do autor, L1 pode fornecer uma representação da realidade com base em suas percepções e interpretações, selecionando o que deseja destacar e hierarquizando seu ponto de vista de acordo com seus objetivos.

Até agora, refletimos sobre como o PDV se inter-relaciona com movimentos que devem ser tomados para a discussão sobre coerência tais como gêneros, sequências e hierarquização de tópicos e sua importância para a produção de sentidos. A seguir, propomos um diálogo da abordagem do PDV com a categoria *engajamento* da LSF, que descreve a relação do posicionamento com outras vozes e perspectivas alternativas no contexto da comunicação.

3 SUBSISTEMA DE ENGAJAMENTO ENQUANTO ANÁLISE DOS POSICIONAMENTOS DISCURSIVOS

A LSF é uma teoria geral da linguagem que explora como ocorre a produção dos significados; que explica como a situação de uso da língua e seus usuários atuam nos sentidos; que descreve as relações linguísticas e suas funções (Carvalho, 2020). A língua, conforme essa abordagem, faz parte de uma das redes de sistemas em que o falante/escritor se apoia para produzir significado, o qual “[...] é ativamente construído *em* e *pela*

linguagem" (Pagano, 2020, p. 28, grifos da autora). Há um processo ativo do falante/escritor que realiza escolhas linguísticas a fim de produzir e de construir significados, assim como "para atingir propósitos comunicativos" diversos (Vian Jr., 2014).

Entre os sistemas estratificados⁵, existem os sistemas do estrato semântico-discursivo, em que os significados são realizações, "um nível de abstração que está além da oração" (Vian Jr., 2011, p. 21). Esse estrato é constituído pelos seguintes sistemas: a) **IDEAÇÃO**: com a função no texto de representar como a experiência humana é construída discursivamente; b) **CONJUNÇÃO**: com a função no texto de conectar eventos, as interconexões entre os processos; c) **NEGOCIAÇÃO**: com a função no texto de promover trocas entre os participantes das interações; d) **AVALIATIVIDADE**: com a função no texto de negociar atitudes, ou seja, avaliações de pessoas, coisas, fenômenos ou acontecimentos no mundo ao nosso redor; e) **IDENTIFICAÇÃO**: com a função no texto de rastrear pessoas e coisas a fim de manter a coesão gramatical e semântica; e f) **PERIODICIDADE**: com a função no texto de acompanhar o fluxo de informação, a maneira como o produtor textual desenvolve a progressão (Martin; Rose, 2007; Vian Jr., 2023a; Vian Jr., 2023b). "Esses sistemas em conjunto constituem o todo discursivo [como está representado na figura 2], relacionando o texto ao seu contexto de produção e, desse modo, é possível relacionar outras questões socioculturais e ideológicas presentes nos textos realizadas pela gramática [...]" (Vian Jr., 2023b, p. 13, acréscimos nossos).

Figura 2 - Os sistemas discursivos



Fonte: Vian Jr., 2023a, p.29

⁵ Verificar Fuzer; Cabral, 2014; Vian Jr., 2023a.

Há uma intrínseca relação entre discurso, atividade social e gramática, conforme Martin e Rose (2007). Para este artigo, entre os aparatos analíticos da semântica discursiva, escolhemos utilizar o sistema de AVALIATIVIDADE porque nos fornece caminhos para compreender todo o potencial avaliativo usado na e pela língua, identificando como estão materializados, na léxico-gramática, a expressão de sentimentos, os julgamentos sobre o comportamento das pessoas e as apreciações acerca de coisas e objetos (Martin; White, 2005). Em resumo, este sistema nos permite compreender nossas atitudes (Vian Jr., 2023a). “O sistema de AVALIATIVIDADE diz respeito às maneiras como tecemos nossas avaliações de pessoas, coisas, fenômenos ou acontecimentos no mundo ao nosso redor” (Vian Jr., 2023b, p. 31). Ele está estratificado em subsistemas, a saber: atitude, engajamento e gradação⁶. Esses três tipos de recursos estão estreitamente relacionados (Ninin; Barbara, 2013).

As avaliações são construídas a partir de nossa experiência no mundo. Elas têm como base outras vozes que levamos em conta, assumimos e/ou discordamos ao produzir um texto, seguindo a máxima do dialogismo: “interagimos em *função do, para e com o outro*” (Vian Jr., 2011, p. 26, grifos do autor). Ocorre então uma negociação de vozes. O falante/escritor instancia no texto significados, posicionamentos-opiniões expressos, comprometendo-se e envolvendo-se, bem como expressando sua concordância, discordância, aceitação ou não aceitação de acordo com as escolhas linguísticas que ele realiza (instancia). O subsistema de engajamento é a categoria que descreve e explica as realizações dos posicionamentos linguísticos. Ele detalha a forma como as vozes de um discurso se materializam. Na subseção seguinte, passamos a explicar detidamente o subsistema de engajamento.

3.1 O sistema de engajamento

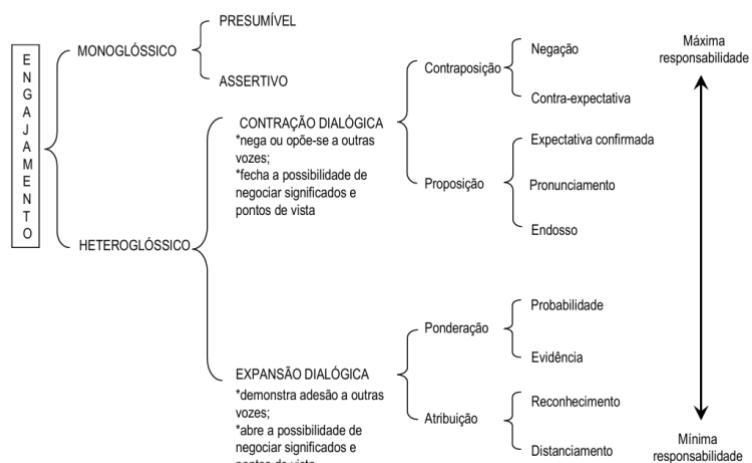
O subsistema de engajamento é definido por Martin e White (2005) como *posicionamento dialógico*. Trata-se da categoria que oferece “os meios para a voz autoral [de um texto] se posicionar com relação a se engajar com as outras vozes e posições alternativas no contexto

⁶ Ver Vian Jr.; Souza; Almeida, 2011.

comunicativo" (Martin; White, 2005, p. 39, acréscimos nossos). Esse subsistema se ocupa dos "modos como a voz textual posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto [...] permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto" (Ninin; Barbara, 2013, p. 129). Acessamos os sentidos das avaliações pela forma que o produtor textual se compromete com o que expressa, assim como a maneira de como modaliza as informações que veicula e outros mecanismos disponíveis transmitidos (Vian Jr., 2011).

Pelo aparato descritivo do subsistema, podemos perceber com qual posição o autor do texto se alinha, assim como também com qual posicionamento se contrapõe. Com isso, há sempre uma relação tensionada. Pode ser construído o posicionamento dialógico de maneira expandida, permitindo a participação de outras vozes textuais (potencial dialógico dos enunciados) ou de forma contraída, não permitindo explicitamente, a participação de outras vozes (desencorajamento a negociação de sentidos), conforme se verifica na Figura 3.

Figura 3 - Subsistema de Engajamento



Fonte: Ninin; Barbara, 2013, p. 131.

O engajamento se estrutura em monoglossia e heteroglossia, como indicado. A monoglossia define-se pelas assertivas gramaticais que não permitem questionamento, ou seja, não permite a possibilidade de diálogo. O falante/escritor tem a possibilidade de enunciar algo que não permite questionamento, buscando manter apenas uma única voz textual. Embora pareça contradizer o dialogismo, vale uma ressalva: essas asserções

categóricas estão no plano léxico-gramatical (Vian, Jr., 2011; Ninin; Barbara, 2013). A construção oracional busca assim manter um sentido monoglóssico, ou seja, uma “voz única, dialogicamente inerte, que não reconhece proposições alternativas” (Souza, 2011, p. 59). Trata-se de uma escolha estratégica do escritor/falante, com o objetivo de suprimir quaisquer enunciados alternativos ou contraditórios (Martin; White 2005).

A heteroglossia, por outro lado, indica quanto o produtor textual faz referência a outras vozes ou outros pontos de vista: quando o texto possui abertura para que recursos fomentem alternativas dialógicas. Ela é baseada na expansão e na contração dialógica (Martin; White, 2005). A contração dialógica “restringe, desafia ou dispersa alternativas e diversidade de vozes [...]”; já [...] a expansão dialógica trata de proposições que ampliam o espaço dialógico, permitindo a entrada de posições alternativas” (Ninin; Barbara, 2013, p. 132).

Conforme Souza (2011), os recursos da heteroglossia permitem que o autor expresse e/ou assuma maior ou menor grau de responsabilidade com o que é anunciado.

As categorias de Heteroglossia representam diferentes graus de responsabilidade pelo que é dito – de um nível máximo de responsabilidade assumida pelo falante (Negação, Contra-Expectativa, Expectativa Confirmada e Pronunciamento), passando por um nível intermediário em que a responsabilidade é compartilhada com outras vozes (Endosso) ou parcialmente assumida (Probabilidade, Evidências, Diz-que), até um nível mínimo de comprometimento em que a responsabilidade é atribuída a outrem ou mesmo recusada (Distanciamento) (Souza, 2011, p. 60).

Os pormenores de algumas categorias descritas na Figura 3 e na citação acima serão explicados nas análises. No entanto, antes, queremos enfatizar que, além de maior ou menor responsabilidade do escritor/falante perante aquilo que é dito-escrito — indicada tanto na figura quanto na citação — existe maior ou menor comprometimento; maior ou menor negociação de vozes; maior ou menor envolvimento; maior ou menor concordância e/ou discordância; maior ou menor aceitação e/ou não aceitação. Esses recursos serão apresentados na próxima seção.

4 PONTO DE VISTA E ENGAJAMENTO EM COLUNA JORNALÍSTICA: CONVERGÊNCIAS ANALÍTICAS POSSÍVEIS

A metodologia que adotamos nesta pesquisa é de natureza qualitativo-interpretativa, orientada pelos pressupostos da Linguística Textual (LT) e da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Inicialmente, selecionamos como *corpus* uma coluna jornalística de José Simão, publicada na *Folha de S. Paulo*, devido à sua natureza fortemente dialógica e à presença de múltiplas vozes, condições favoráveis à investigação articulada entre ponto de vista (Rabatel, 2016) e engajamento (Martin; White, 2005). Em seguida, realizamos uma leitura exploratória do texto com o objetivo de identificar segmentos discursivos relevantes para a manifestação de diferentes pontos de vista e para a marcação dos posicionamentos enunciativos. Essa etapa inicial permitiu mapear enunciadores, objetos de discurso e movimentos irônicos ou avaliativos que orientam a construção dos referentes, atendendo ao entendimento de coerência como processo (Marcuschi, 2008). Na etapa seguinte, procedemos à análise propriamente dita em três passos:

- a) identificação e descrição dos pontos de vista explícita ou implicitamente mobilizados no texto, conforme a perspectiva dialógica proposta por Rabatel;
- b) categorização dos recursos linguísticos de engajamento, tais como expansões e contrações dialógicas, que evidenciam a forma como o colunista convoca, afasta, negocia ou incorpora outras vozes; e
- c) articulação interpretativa entre as duas categorias, observando como o ponto de vista principal organiza, subordina ou negocia os demais posicionamentos, compondo um arranjo polifônico que conduz a interpretação.

Ao integrar essas etapas, buscamos demonstrar de modo explícito como a gestão dos referentes e das vozes no texto opera na construção dos sentidos, revelando a pertinência do diálogo entre PDV e engajamento como método analítico. Essa operacionalização metodológica garante transparência ao processo e possibilita replicabilidade em estudos que articulem categorias provenientes da LT e da LSF.

Ao longo desta seção, não buscamos esgotar as possibilidades de articulação entre as categorias de ponto de vista (PDV), conforme delineado por Rabatel (2016), e de engajamento, tal como proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), especialmente no sistema de AVALIATIVIDADE (Martin; White, 2005). A escolha do texto analisado — uma coluna jornalística de José Simão publicada na *Folha de S. Paulo* — se justifica por sua relevância no cenário midiático brasileiro e por sua configuração discursiva singular, marcada pela ironia, pela sátira política e pela circulação de múltiplas vozes sociais. O autor, conhecido por sua abordagem humorística e crítica, atua como um produtor de sentidos que mobiliza referências culturais, políticas e midiáticas para comentar acontecimentos atuais. A coluna selecionada foi publicada em março de 2024, logo após a cerimônia do Oscar, e faz uma analogia satírica entre o evento hollywoodiano e o cenário político brasileiro, com destaque para figuras públicas como Jair Bolsonaro, Michelle Bolsonaro e o prefeito Ricardo Nunes. Esse contexto de produção textual permite observar, de forma privilegiada, a construção de posicionamentos, avaliações e vozes, aspectos centrais para a articulação entre as categorias de ponto de vista (Rabatel, 2016) e engajamento (Martin; White, 2005), foco desta análise.

Para a análise do texto, adotamos uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na articulação teórico-analítica entre a Linguística Textual e a Linguística Sistêmico-Funcional. O procedimento consistiu, primeiramente, na identificação de recortes do texto que evidenciam a manifestação do ponto de vista do colunista (PDV), considerando a distribuição dos sujeitos locutivos (L1, L2, L3) e o grau de responsabilização do enunciador em relação ao conteúdo proposto. Em seguida, analisamos os recursos linguísticos que indicam o tipo de engajamento (monoglóssico ou heteroglóssico), observando movimentos de contração e expansão dialógica que modulam a relação entre a voz autoral e as vozes alheias. A análise combinada dessas categorias possibilitou compreender como o colunista constrói coerência e orienta a argumentatividade do texto, articulando humor e crítica política de modo estratégico.

Sobre o gênero coluna jornalística, é denominada como um espaço de manifestação do posicionamento do colunista frente a eventos e figuras

públicas. Segundo Travancas (2001), ela revela bastidores do cenário político, econômico e social e oferece uma arena discursiva para opiniões que, muitas vezes, não encontram lugar em outras modalidades jornalísticas. Nesse gênero, a expressão do ponto de vista pessoal é esperada, inclusive por meio do uso de adjetivos, avaliações e estratégias persuasivas.

No caso das colunas de José Simão, publicadas na Folha de S. Paulo, observamos a convivência entre humor, crítica e engajamento político. Em sua escrita satírica, o colunista adota uma postura autoral que evidencia um alto grau de responsabilização por suas avaliações — ainda que recorra, estrategicamente, à heterogeneidade enunciativa. A análise do texto selecionado, que satiriza o ex-presidente Jair Bolsonaro, por meio de intertextualidade com a premiação do Oscar 2024, permite ilustrar como o PDV e o engajamento operam de forma articulada.

Vejamos o texto, transcrito em (1).

(1) *Eba! Bolsonaro é ‘Bolsoheimer’!*

E foi o grande vencedor do Oscar com o prêmio de melhor tentativa de golpe.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

Socorro! Corram para as montanhas! “Michelle Bolsonaro será homenageada no Theatro Municipal de São Paulo”. Aí vira “Theatro Municural”! “Theatro Múúúnicipal”! Rarará!

Já que ela pode, quero fazer minha festinha de aniversário no Theatro Municipal. É só tratar com o Nunes! E o Nunes: se for “bolsominion”, pode! Rarará!

Outros acham que é a primeira vez que ela entra num teatro! Pior, Micheque vai virar cidadã paulistana! Protesto! Eu como paulistano protesto. A cota de gado em São Paulo já está esgotada! Me sinto como a Ucrânia sendo invadida pela Rússia! Rarará!

E uma telerrepórter da Globo se embanhou toda e disse: “Dona Filomena ainda usa ‘cusão’ a lenha”. Aqui em casa eu uso “cusão” a gás! Rarará!

E aí perguntaram para um argentino: “Como estás?”. E o argentino: “Individualmente bien, socialmente una mierda”. Rarará!

Não choro por ti Argentina! E o Bozo? O Bolsonaro foi o grande vencedor do Oscar! Como “Bolsoheimer”! O Bolsonaro é o

“Bolsoheimer”! Uma bomba! E levou sete estatuetas: melhor tentativa de golpe! Melhor golpista coadjuvante! No lugar de melhor animação, ganhou melhor falsificação. De documentos! Melhor miliciano! Esse Oscar ele dividiu com o Fabrício Queiroz! Rarará! Melhor crime contra a saúde pública!

E o Oscar de melhor coadjuvante em filme de Zé do Caixão: Nunes. Aquele prefeito que ninguém conhece!

Nós brasileiros ganhamos em “Pobres Criaturas”: levanta às sete da madrugada, pega metrô lotado, leva esporro do patrão e, na volta, pega a mulher com outro na cama! Rarará! Como diz uma amiga: isso não é vida! É sequestro! Rarará!

E essa: “Comissão da Mulher não tem mulher”. Só homem! Hétero! E branco! Mulher não entra! E a pergunta final: quando o menino de vó vai para o xilindró? Rarará!

Nóis sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/>. Acesso em 29 mar. 2024.

No quadro teórico da Linguística Textual, o PDV é compreendido como o posicionamento de um sujeito de consciência em relação ao conteúdo enunciado. Rabatel (2016) propõe que todo enunciado é portador de um PDV, que pode ser mais ou menos assumido pelo locutor (L1) e pode ser atribuído a diferentes locutores de segundo grau (L2, L3 etc.). Já o sistema de engajamento da LSF descreve os modos pelos quais uma voz (a de L1) se posiciona diante de outras vozes sociais, seja reafirmando uma visão (contração), seja reconhecendo e dialogando com outras possibilidades (expansão). Verifiquemos o recorte (2).

(2) Eba! Bolsonaro é ‘Bolsoheimer’! (...) Buumba! Buumba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

No texto transscrito (01), identificamos movimentos de contração e expansão dialógica que se entrelaçam com a distribuição dos PDVs. Por exemplo, no Recorte 2 (“Eba! Bolsonaro é ‘Bolsoheimer’!”), L1/E1 apresenta seu ponto de vista de forma monoglóssica, sem abrir espaço para posicionamentos divergentes. Há aqui um efeito de anulação da polifonia constitutiva da linguagem, criando uma voz autoritária e satírica que procura estabelecer-se como única e inquestionável. Essa escolha

linguística configura um movimento de não permitir alternativas dialógicas que precisem ser reconhecidas ou engajadas (Martin; White, 2005) e de PDV fortemente assumido por L1 (Rabatel, 2016).

Já no Recorte 3 ("Michelle Bolsonaro será homenageada..."), observamos um movimento diferente: embora a proposição inicial seja de natureza alheia (voz de L2, atribuída ao noticiário), L1 a reinscreve em seu discurso para contestá-la. O emprego da partícula modal "Aí", com valor dêitico e anafórico, funciona como marco da avaliação negativa, ativando um PDV que se opõe ao conteúdo informado. Essa estrutura demonstra a presença de heteroglossia dialogicamente controlada, em que L1 recorre a uma voz externa apenas para refutá-la, reafirmando, assim, sua posição. Isso exemplifica como o engajamento pode funcionar como suporte linguístico para a manifestação e circulação dos pontos de vista no texto.

- (3) Socorro! Corram para as montanhas! "Michelle Bolsonaro será homenageada no Theatro Municipal de São Paulo". Aí vira "Theatro Municural"! "Theatro Múúúnicipal"! Rarará!

De modo semelhante, nos recortes 4 e 5, L1 mobilizam-se vozes sociais por meio de atribuição distanciada e ironia, recursos que favorecem a construção de uma argumentação implícita, na qual o leitor é convocado a preencher as lacunas inferenciais e a alinhar-se ao colunista. Ao projetar vozes externas (de "outros", de "Nunes", de "paulistanos"), Simão mantém o controle enunciativo, atribuindo a si o PDV dominante e instrumentalizando a polifonia para reforçar sua crítica. Aqui, a estratégia expansiva (engajamento) coexiste com uma orquestração do PDV que visa à construção de coerência argumentativa.

- (3) Já que ela pode, quero fazer minha festinha de aniversário no Theatro Municipal. É só tratar com o Nunes! E o Nunes: se for "bolsominion", pode! Rarará!

- (4) Outros acham que é a primeira vez que ela entra num teatro! Pior, Micheque vai virar cidadã paulistana! Protesto! Eu como paulistano protesto. A cota de gado em São Paulo já está esgotada!

Essa relação entre PDV e engajamento permite compreender que a argumentatividade de um texto não se reduz à presença explícita de uma tese e de seus argumentos, mas emerge da maneira como os diferentes pontos de vista são textualizados e hierarquizados. Enquanto o PDV aponta para a fonte e o grau de envolvimento de um sujeito enunciador com o que é dito, o engajamento descreve os mecanismos linguísticos pelos quais esse posicionamento é consolidado ou negociado no discurso.

Assim, ao articular essas duas categorias analíticas — PDV e engajamento — em uma leitura integrada, torna-se possível identificar com maior precisão as estratégias discursivas que visam à construção da coerência e da adesão do leitor ao posicionamento de L1. No caso de José Simão, embora sua coluna se apoie em humor e ironia, a seriedade da crítica política e social está ancorada na responsabilidade que ele assume ao projetar seus pontos de vista. Isso mostra que, mesmo em gêneros marcados pela leveza ou informalidade, a articulação coerente entre os planos enunciativo e avaliativo pode intensificar a força argumentativa do texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação por trás da apresentação das ideias aqui expostas está na estreita relação entre duas categorias: de um lado, o ponto de vista (PDV), termo proposto por Rabatel (2016) e adotado pela Linguística Textual, e de outro lado, o engajamento, uma categoria desenvolvida por Martin e White (2005) no arcabouço da Linguística Sistêmico-Funcional. A articulação de ambas as categorias nos permitiu analisar a (re)construção da coerência (Cavalcante *et al.*, 2022). Neste contexto, dedicamos este trabalho a explicar como esse processo se desenvolve em uma coluna jornalística de José Simão, motivada por críticas a Bolsonaro e seus eleitores, em que o PDV do autor emerge no texto para construir os sentidos desejados. Reflexões, como as constantes aqui, promovem o desenvolvimento de competências relacionadas à expressão do PDV, permitindo aos alunos mobilizarem conhecimentos de todos os tipos, linguísticos, literários, enciclopédicos, que são alavancas para compreender, problematizar a realidade ou mesmo assumir o controle efetivo de uma realidade complexa em formação.

Primeiramente, afirmamos que a avaliação da coerência pode se amparar metodologicamente em três passos delineados por Cavalcante (2024): a) compreensão do gênero e dos objetivos do emissor; b) análise da estrutura textual na qual o gênero está inserido; e c) análise da organização de tópicos. Consideramos que esse percurso deve ser seguido para analisar a construção dos sentidos, levando em conta o caráter dialógico e interacional que o PDV implica.

Em segundo lugar, contextualizamos o subsistema de engajamento, que é definido por Martin e White (2005) como posicionamento dialógico. Esta categoria oferece os meios para a voz autoral de um texto se posicionar com relação a se engajar com outras vozes e posições alternativas no contexto comunicativo. O subsistema se ocupa dos modos como a voz textual posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto. Acessamos os sentidos das avaliações pela forma que o produtor textual se compromete com o que expressa, assim como a maneira de como modaliza as informações que veicula e outros mecanismos disponíveis transmitidos (Vian Jr., 2011).

Por fim, destacamos que as análises dos exemplos anteriores permitiram vislumbrar o interesse (ou pelo menos assim esperamos) da abordagem enunciativa do PDV, para variados tipos de texto e gêneros de discurso. Cremos que a reflexão realizada aqui pode fornecer bases para analisar a coerência ampliando a observação do PDV e do engajamento, o que representa um aspecto valioso que deve ser explorado no processo de construção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Textos, tipos e protótipos**. Tradução de M. M. Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução de E. L. Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.

CARVALHO, M. M. A relação da Libras com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF): análise de imagens de sinais com base em variáveis do contexto de situação. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 9, n. 5, p. 55-73, 2020.

DOI: 10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.29368. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/29368>. Acesso em: 5 abr. 2024.

CAVALCANTE, M. M. Webinar de lançamento de curso. **Práticas pedagógicas com textos verbo-imagéticos em Língua Portuguesa**. Fortaleza: SEDUC/UECE/UFC, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHW-B7RzdIY>. Acesso em: 03 abr. 2024.

CAVALCANTE, M. M. et al. **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M.M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M.A.P. **Coerência, referênciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CUSTÓDIO FILHO, V.; CAVALCANTE, M. M. Ponto de Vista em Linguística Textual: Efeitos Argumentativos e Aplicações no Ensino de Língua Portuguesa. **Revista Ensin@ UFMS**, v. 4, n. 8, p. 379-403, 31 dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/anacptl/article/view/19104>. Acesso em: 10 abr 2024.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. **Introdução à Gramática Sistêmico Funcional em Língua Portuguesa**. 1a ed. Mercado das Letras: Campinas, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to functional grammar**. 4. ed. Oxon: Routledge, 2014.

KOCH, I. G. V. **Linguística textual: quo vadis?**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 17, p. 11-23, 2001

KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Working with Discourse**: meaning beyond the clause. London and New York: Continuum, 2007.

MARTIN, J.; WHITE, P. **The language of evaluation**: Appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de letras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 52, n. 1, p. 127-146,

2013. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645390>.

Acesso em: 26 abr. 2024.

PAGANO, A. S. Modelagem da linguagem e do contexto na teoria sistêmico-funcional. **Revista da ABRALIN**, [S. I.], v. 19, n. 3, p. 25–49, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1770 Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1770>. Acesso em: 26 abr. 2024.

RABATEL, A. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. v. 1: Pontos de vista e lógica da narração – teoria e análise. Tradução M. G. S. Rodrigues, L. Passeggi, J.G. Silva Neto. São Paulo, Cortez, 2016.

RABATEL, An. **Le point de vue, une catégorie transversale**. *Le Français aujourd'hui*, n. 4, 2005, p. 57-68.

SÁ, K. B. de. **Coerência e articulação tópica**: uma análise a partir de redações do ENEM. 2018. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

SOUZA, L. M. F. A interação de recursos de um texto opinativo. In: VIAN JR, O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Ed., 2011. p. 57-77.

SOUZA, Rogério Martins de. **A sedução do colunismo**: uma análise das colunas de Ancelmo Gois e Ricardo Boechat. 2005.

VIAN, JR, O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. (org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

VIAN, JR., O. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Ed., 2011. p. 19-29.

VIAN JR., O. Linguística Sistêmico-Funcional. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Orgs.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p. 423-444.

VIAN JR., O. Discurso pela perspectiva sistêmico-funcional: os significados além da oração. In.: FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução aos sistemas**

discursivos em linguística sistêmico-funcional. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, PPGL, 2023a, p. 21-42.

VIAN JR., O. O que é discurso e sua aplicabilidade na lsf. In.: ALMEIDA, F. A. S. D. P. CABRAL, S. R. S.. **Discurso(s) e linguística sistêmico-funcional no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2023b, p. 17-40.

CUNHA, João Paulo Lima; SÁ, Kleiane Bezerra. Ponto de vista e engajamento: analisando a (re)construção dos sentidos em coluna jornalística. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e95765, 2025. DOI: 10.36517/ep15.95765